



**Autor e Texto**  
Author - Text

Silvia Lucia Bigonjal Braggio - PPGL/FL/UFG  
Sinval Martins de Sousa Filho - FL/UFG

**A AQUISIÇÃO DA ESCRITA PELA CRIANÇA INDÍGENA: A IMPORTÂNCIA DOS INALIENÁVEIS E DOS GRAFISMOS PARA A IDENTIDADE AKWĒ XERENTE**

INDIGENOUS CHILD WRITTEN LANGUAGE ACQUISITION: THE ROLE OF THE INALIENABLES AND GRAPHISMS TO THE AKWĒ XERENTE IDENTITY

**RESUMO**

Este artigo visa fornecer subsídios para a aquisição da criança indígena xerente tendo como foco os inalienáveis e os grafismos constitutivos da sua identidade. O suporte teórico é o da semântica da gramática, que possibilita abarcar a cosmovisão do povo AkwĒ Xerente. A metodologia é a de análise de dados coletados pelos autores e outros pesquisadores da língua. Espera contribuir com a educação escolar indígena.

**ABSTRACT**

The main goal of this paper is to shed light in the field of xerente children written language acquisition by proposing the use of the inalienables and graphisms typical of the AkwĒ Xerente language and people. The theoretical support is based on the semantics of grammar which supports the world view of that people. Data analysis have been collected by the authors and other researchers of the language. We do hope to give valid information to indigenous school education.

**PALAVRAS-CHAVE**

Inalienáveis. Grafismos. Educação escolar indígena.

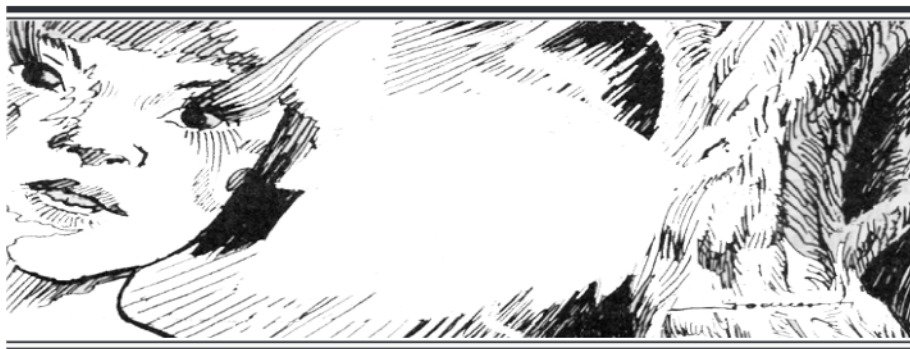
**KEYWORDS**

Inalienables. Graphisms. Indigenous school education.

R. TEMA	S. Paulo	nº 97	Vol. 35	Janeiro/Abril, 2020	P.06-23
---------	----------	-------	---------	---------------------	---------

## A AQUISIÇÃO DA ESCRITA PELA CRIANÇA INDÍGENA: A IMPORTÂNCIA DOS INALIENÁVEIS E DOS GRAFISMOS PARA A IDENTIDADE AKWÊ XERENTE

INDIGENOUS CHILD WRITTEN LANGUAGE ACQUISITION: THE ROLE OF THE  
INALIENABLES AND GRAPHISMS TO THE AKWÊ XERENTE IDENTITY



### I. Introdução

**O** fator decisivo na aquisição da língua escrita originária pela criança indígena é a “resistência”. A principal razão para considerar a aquisição da escrita na língua originária como resistência baseia-se no caráter singular que muitos povos indígenas possuem: a inalienabilidade e os grafismos que, acreditamos, são marcas da identidade Akwê, povo e língua tratados neste artigo. Os inalienáveis indicam o que um sujeito possui como seu ou, mais amplamente, o que um ser vivo possui como seu.

Esses dois aspectos têm sido vistos particularmente entre os povos indígenas, que o passam de geração em geração no que Ken Hale (HALE, 1966 apud ENFIELD, 2004, p. 6) chama de “a lógica da perpetuidade cíclica ou círculos que não se rompem”. Para o autor, a inalienabilidade vista nos termos de parentesco ou “kin-tax” (taxonomia de parentesco) mostram

---

\*Este artigo faz parte do projeto 303201/2017-7 do CNPq, de Silvia L. B. Braggio, pesquisadora 1D.

que “os princípios de organização de parentesco, os quais estão firmemente interligados dentro do cerne da cultura, podem e desempenham um papel nas regras sintáticas”, e são marcados nas suas línguas. Os grafismos indicam a etnia, o clã e o papel funcional dos indivíduos nas relações socioculturais e são marcados em seus corpos (o corpo que fala), nos artesanatos e outros materiais. Os nomes próprios, oriundos de seu mundo, confirmam sua identidade, pois são tomados de plantas, animais e objetos, atribuídos a homens e mulheres de cada clã, singularizando-os, mas também indicando que todos são Akwê.

A cosmovisão indígena, vista por meio dos inalienáveis e grafismos, abre uma janela para a forma como se pensam no mundo, como parte dele e não como seres únicos no ambiente em que vivem, isto é, uma relação entre sujeitos, língua e cultura, moventes, em uma dialética bidirecional. Não se trata de pensar em “uma etnia, uma cultura, uma língua”, mas de aspectos que são singulares a uma língua e não a outras. Logo, ao adquirir a escrita em sua língua, a criança indígena está imersa em seu próprio mundo. A semântica da gramática dá suporte para essa premissa básica. Como esse processo dá-se somente uma vez, ela pode aprender a ler e a escrever em uma ou mais línguas adquiridas sucessivamente.

A partir dessa premissa básica outros fatores devem ser acrescentados e explicitados já que, para a criança indígena brasileira, a escrita do português é necessária. O primeiro deles encontra subsídios nas ciências cognitivas. A alfabetização, ou seja, a língua que a criança fala deve ser a mesma do seu primeiro e, único, processo de alfabetização (por alfabetização entende-se a abordagem sociopsicolinguística (veja BRAGGIO, 1992). Obviamente, quando a língua que a criança fala é utilizada, sua mente/cérebro já possui estruturas semântico-gramaticais e funcionais de sua língua, o que maximiza todo o processo. O cérebro/mente não tem que passar por outros estágios, a não ser o de adquirir a língua escrita, já que a entrada de cada novo instrumento deve ser por ele operado. O segundo diz respeito à tipologia de sua língua, desde a fonética/fonologia

à pragmática e a forma de escrevê-la: (i) as línguas podem ter sistemas fonológicos distintos, ou seja, os sons significativos e suas variantes e os processos fonológicos podem não ser os mesmos entre as línguas indígenas e a língua portuguesa. Há fonemas vocálicos e consonantais nas línguas indígenas que não fazem parte da língua portuguesa e vice-versa (veja GRANNIER e FRAZÃO, em BRAGGIO, 2018).

No caso da morfologia, embora as línguas possam não ser exclusivamente de uma categoria, são basicamente classificadas em analíticas, polissintéticas e sintéticas. As línguas sintéticas são classificadas em flexionais e aglutinantes. O português encaixa-se mais em uma língua do tipo flexional e a akwẽ xerente no tipo aglutinante. Do ponto de vista sintático também há diferenças na estrutura das línguas, na relação dos sujeitos, verbos e objetos: as mais comuns são SOV, SVO e VSO (há várias implicações em cada uma das estruturas que não tratamos nesse artigo). A língua portuguesa é basicamente do tipo SVO. Exemplo: Eu vou para a livraria comprar um caderno. A xerente do tipo SOV. Exemplo:

Wa waza Goianiaku mōrĩ.  
Eu marca de futuro Goiania para ir  
Eu irei para Goiania..

Observe que o português tem preposição e o xerente posposição. Com relação à pragmática, as diferenças em eventos de fala entre os povos e comunidades é significativa (tratado em V). Todos estes aspectos têm implicações com relação à escrita das línguas. Basicamente a escrita pode ser dividida em logográfica e fonográfica. A escrita fonográfica ainda pode ser dividida em silábica e alfabética. As línguas escritas alfabeticamente têm por princípio a representação de um fonema, vogais e consoantes, por um grafema e motivação morfofonêmica. A língua portuguesa tem escrita alfabética. As línguas indígenas brasileiras, embora tenham diferentes tipologias, têm escritas alfabéticas. Contudo, como já afirmamos, podem ter diferenças gráficas.

## **II. Objetivos e Metodologia**

O objetivo geral deste artigo é apontar os inalienáveis e os grafismos como ferramentas significativas na constituição da identidade Akwẽ, no processo de aquisição da língua escrita, tendo como suporte a semântica da gramática e os seus desdobramentos.

O objetivo específico é propor uma reflexão sobre a escrita da língua xerente e a maximização de sua aquisição pela criança indígena.

### **Metodologia**

Os dados pertencem a um banco de dados da língua xerente coletados previamente por esses autores e pelos demais pesquisadores que vêm trabalhando com a língua. O método de coleta inclui dados quantitativos e qualitativos nos diversos eventos de fala em vários períodos das pesquisas.

## **III. Revisando Sapir e Whorf e Princípios da Semântica da Gramática**

A relação entre língua, pensamento e cultura tem chamado a atenção de cientistas de várias áreas do conhecimento entre elas a antropologia, a linguística e a psicologia. Para os antropólogos esta relação é tida como de grande importância, já que a língua estaria contida dentro da cultura, ou seja, para haver língua deve haver cultura. O fato de a cultura ser transmitida pela língua permite, de alguma forma, que o modo como pensamos estar codificado semanticamente na língua. Chegaríamos ao postulado máximo de uma cultura/uma língua/um povo. Este postulado tem sido bastante utilizado na definição das nações, nas conquistas de um povo pelo outro, nas “colonizações”, desde a antiguidade aos tempos atuais. Ideologizada e politicamente instrumentalizada pelo poder de uma nação sobre outra(s), tenta apagar línguas de países subalternizados. Por exemplo, na época da União Soviética (leia-se artigo de Stalin, 1950, no Pravda, jornal do governo, traduzida para o inglês), quando a língua russa era obrigatória

nas escolas e nas instituições em detrimento do polaco, do romeno, húngaro, ucraniano e de muitas outras línguas do bloco soviético. Stalin pretendia que o russo fosse uma língua internacional. Outro exemplo é a do Império Britânico que, entre outras línguas, levou ao quase apagamento do irlandês. Também foi especialmente útil para contrastar as sociedades civilizadas das chamadas primitivas. Das raças superiores às chamadas raças inferiores. Dos quase 7.000.000 de indivíduos dos povos indígenas no Brasil hoje não se chega a 500.000. Os indígenas da costa foram os que mais sofreram. Toda a América Latina perdeu muitos de seus povos originários. Nos Estados Unidos não foi diferente. Os indígenas norteamericanos sofreram perdas imensas e muitos povos e suas línguas foram extintos. Na Austrália só recentemente foi pedido perdão aos aborígenes pela devastação a eles causada.

Até hoje ouvimos dizer que os povos indígenas são primitivos e que não têm uma língua, mas dialetos. Sua assimilação forçada era e ainda é condição *sine qua non* transmitida principalmente por meio da educação escolar. São estigmatizados e sofrem imenso preconceito, principalmente nos entornos onde vivem. Após a II Guerra Mundial, (na qual Hitler usa a superioridade germânica sobre outros povos) as nações africanas foram divididas entre os países ganhadores desta guerra (quando já não eram por eles “colonizadas”) e herdaram suas línguas oficiais. Portanto, a relação entre pensamento, língua e cultura, fazendo um breve trajeto pela história da humanidade, não é nova, está enraizada nela e é usada política e ideologicamente quando necessária (o que não é o caso de Sapir e Whorf). Ela é tão importante que, na época da ditadura no Brasil (1964-1985), cogitou-se a possibilidade de considerar “não índio”, quem não mais falasse a sua língua originária.

A postura no mundo científico, como afirmam Gumperz e Levinson (1999), começa a mudar à medida que as ciências cognitivas avançam e o racionalismo vai ocupando o lugar do empiricismo. A linguística abre novos caminhos. Nos Estados

Unidos, os anos de 1950, a partir de sua metade, e os de 1960, trouxeram à luz, um dos mais importantes linguistas da história dessa ciência, Noam Chomsky.

Chomsky (1959) não só se contrapõe ao behaviorismo em seu brilhante texto “A review of B. F. Skinner’s Verbal Behavior”, como dá margem para o desenvolvimento das ciências cognitivas, lançando os fundamentos do que viria a ser chamado “gerativismo”, “inatismo” ou “teoria gerativa”. O interesse do autor pela natureza da linguagem, leva-o a assumir que, ontogenética e filogeneticamente, somos todos dotados da capacidade de adquirir uma língua (independente de estímulos e respostas) quando a ela expostos. Ou seja, todos os seres humanos têm uma capacidade inata para adquirir uma ou mais línguas. Propõe, em decorrência, estudos do que seria comum a todas as línguas, os universais linguísticos. Apoiase na competência gramatical, no falante-ouvinte ideal e nas comunidades homogêneas de fala. A partir daí, pode-se observar quatro tendências quanto à teoria gerativa: (i) os que a ela aderem; (ii) os que a refutam; (iii) as novas disciplinas criadas a partir dela e (iv) os que foram lançados à sombra. Entre estes últimos estão Edward Sapir e Benjamin L. Whorf.

O cenário da linguística nos E.U.A., a partir de então, está em efervescência. Contudo, na época de Sapir e Whorf, distante do behaviorismo, está a Antropologia. São Boas, nos E.U.A, e Lévi-Strauss, na Europa, que vão influenciar os linguistas Sapir e Whorf. Boas, na primeira metade do século 20, 1911, (BOAS, 1974 [1911], p.70) assumia que “as características peculiares das línguas estão claramente refletidas nas visões e costumes dos povos do mundo”. Quando o autor se refere às características peculiares das línguas, ficam em evidência justamente aqueles aspectos que acontecem em uma determinada língua, como é o caso das línguas indígenas, que não só apresentam estas características, mas a passam de geração em geração.

Sapir vai mais longe. O autor assume que a cultura, por meio da língua, afeta a forma como pensamos, principalmente

através das nossas experiências no mundo. Contudo, o fato de uma cultura influenciar o pensamento ainda hoje é uma questão muito debatida. É Whorf, seu discípulo, quem vai se dedicar aos estudos das línguas indígenas norte-americanas. Com seus estudos e escritas surge, então, a hipótese da relatividade linguística. O problema está na forma como ela é vista: uma via de mão única, na qual o sujeito seria refém da cultura, sem nela atuar. Ou seja, como determinista.

Whorf (1974 [1941]), ao estudar as línguas indígenas, mostra que os Hopi (povo indígena do sudoeste americano), não tinham a mesma concepção de *tempo* das sociedades já estudadas e canonizadas. O autor sofre críticas severas tanto científicas quanto ideológicas. A interpretação de seu estudo é a de que colocaria povos ditos primitivos em desvantagem com as sociedades ditas avançadas, ou seja, raças inferiores e raças superiores, talvez não muito diferente dos postulados behavioristas da época. Os antropólogos, todavia, beneficiam-se do trabalho de Whorf, ao se darem conta da enorme variedade de culturas e seus conceitos de tempo, espaço e muitos outros que seriam encontrados quando estudados e que se manifestam em suas línguas.

A refutação ao falante-ouvinte ideal, pelo falante-ouvinte real, à comunidade homogênea de fala, a comunidade heterogênea e à competência gramatical, a competência comunicativa ganham grande espaço, e a aceitação das variedades linguísticas e socioculturais dá ampla margem para o desenvolvimento da Sociologia da Linguagem e da Linguística Antropológica, esta principalmente com Hymes e Gumperz. Inúmeros estudos, por meio da etnografia da comunicação, metodologia mais adequada para a língua em uso, têm sido elaborados desde então. Halliday elabora sobre o papel da função da língua na sua aquisição e Lakoff (1987) na desmistificação de alguns conceitos propostos por Whorf. São esses autores que possibilitam visitar/repensar o trabalho de Sapir e Whorf.

A hipótese da relatividade linguística passou a ser repensada a partir dos anos de 1990 e Sapir e Whorf voltam à pauta por meio de autores da semântica da gramática ou etnossintaxe. Os livros organizados por Gumperz e Levinson (1999) e Enfield (2004) são muito importantes para se entender o porquê de se revisitar a hipótese da relatividade linguística. Inúmeros autores compõem os livros e apresentam artigos que iluminam o caminho da semântica da gramática. A semântica da gramática ganha espaço; procura decodificar o significado cultural na semântica da morfologia e da sintaxe, não de forma unidirecional, mas bidirecional. Língua e cultura não são isomórficas. Elas se entrelaçam, se movem, se transformam e afetam uma à outra. É nesse cenário que os dicionários não são mais vistos como listas de palavras, mas como reveladores de aspectos linguísticos e culturais de um povo ou povos com tópicos e não listas. N.J. Enfield, pesquisador do Max Planck na Holanda, é um dos pioneiros desta abordagem em seu trabalho com falantes do Laos, no sudoeste da Ásia. Recentemente, o autor, com base na semântica da gramática, continua a explorar aspectos linguísticos/culturais daqueles falantes (2014).

No Brasil, Lucy Seki (2010), estuda o léxico e de forma inédita, apresenta o vocabulário dos Kamaiurá, indígenas habitantes do Xingu, contendo tópicos que nos levam a conhecer muito da língua e cultura daquele povo.

O termo etnossintaxe, foi usado por Anna Wierzbicka em 1979, mas ignorado até 1988, ano em que a autora passa a usar o termo semântica da gramática em seu já conhecido *The Semantics of Grammar* (WIERZBICKA, 1988). Seu trabalho dá força a uma profícua e importante discussão entre linguistas e as revisitas ao relativismo linguístico vêm sendo feitas, trazendo à luz estudos com línguas indígenas, principalmente o de Gomez-Imbert (1996, em GUMPERZ e LEVINSON, 1996).

Na concepção da semântica da gramática, língua e cultura não determinam uma à outra, mas são constituídas juntamente

nas redes socioculturais nas diferentes comunidades de fala. Portanto, assume-se que atualizadas na língua estão as estruturas sociais utilizadas pelos falantes, ou seja, as organizações socioculturais das comunidades de fala. A atualização da gramática na língua por meio da semântica pode-se dar nos diversos eventos de fala, em que marcadores e elementos discursivos, relações de parentesco, concepção de tempo-espço, falas masculina e feminina, empréstimos, code-switchings etc. enfim, vários aspectos socioculturais/linguísticos, podem/devem ser estudados. No item seguinte apresentamos a descrição e análise dos dados que dão suporte à nossa proposta de aquisição da escrita pela criança indígena Akwẽ: o uso dos grafismos e dos inalienáveis da língua como ferramentas de resistência na educação escolar e fortalecimento de sua identidade.

#### IV. Os Inalienáveis

Para os pesquisadores que trabalham com línguas indígenas os inalienáveis referem-se às partes do corpo e aos termos de parentesco. Além desses, ocorrem em Akwẽ Xerente como inalienáveis os que podem ser classificados, provisoriamente, em sons e sentimentos. Para os inalienáveis de um Akwẽ, os pronomes possessivos e pessoais são utilizados para indicar o possuidor. Assim, a posse dos inalienáveis em nomes com o traço [+humanos], adotado para este texto, se dá pelo prefixo, ou seja, o item de quem possui fica à esquerda e o item possuído à direita.

Os exemplos em que o possuidor é indicado por um pronome ou por um Akwẽ: partes do corpo, qualitativos, voz (palavra, canto) são apresentados a seguir a fim de compararmos com os exemplos de animais e plantas. Nos exemplos o possuído é necessariamente precedido pelo pronome, ou quando se refere a um indivíduo específico o seu nome forma um composto com o termo inalienável.

## IV.1. Inalienáveis Akwẽ Xerente

### Quadro 1 - Inalienáveis Akwẽ Xerente

Possuidor/Akwén + parte do corpo/qualitativo/voz/sentimento			
1.	ĩ-kra		Meu filho.
2.	da-he-waku	dela peito leite	Leite materno (da mãe Akwén).
3.	ĩ-bdu		Meu pescoço.
4.	totahã-bdu	dele pescoço	Pescoço dele.
5.	da-nõkre	dele canto (música)	Canto dele.
6.	ĩ-ni	minha carne	Minha carne (do meu corpo).
7.	da-pkẽ	dele coração	Coração dele.
8.	ĩ-pkẽ		Meu coração.
9.	ĩ-di-sɛki	minha barriga dor	Dor de barriga.
10.	da-hepku	dele ferida	Ferida dele.
11.	ĩ-hepku		Minha ferida.
12.	ĩ-pra		Meu pé.
13.	Sisdaze-pra	Sisdaze pé	Pé do Sisdaze.
14.	da-pahi	dele medo	Medo dele.
15.	da-pra-kwakɾɛ	dele pé rastro	Rastro dele (de alguém humano).
16.	ĩ-pra-kwakɾɛ	meu pé rastro	Meu rastro.

## IV.2. Inalienáveis, Animais e Plantas

A inalienabilidade atribuída pelos Xerente aos animais e plantas, tem se manifestado de forma indireta, geração após geração, de acordo com sua visão de mundo. No caso dos animais e plantas, já que estes, obviamente, não utilizam os pronomes possessivos e pessoais como primeiro elemento, a forma possuída tem que vir sempre acompanhada do possuidor. Diferentemente dos nomes com traço [+ humano], o termo [+vida] (BRAGGIO, 2011), antecede o possuído (possuidor + possuído). Os possuídos não podem aparecer no inventário lexical sem uma marca que os antecede, como em -kra (filho/filha).

“wapsã-krare” - cachorra-filho (dimin.) - “filhotinho da cachorra”

O filhote da cachorra pertence ao animal. A cachorra não é considerada inalienável, mas o que ela gera, o filhote, é.

**Quadro 2 - Inalienáveis Akwẽ Xerente - animais e plantas**

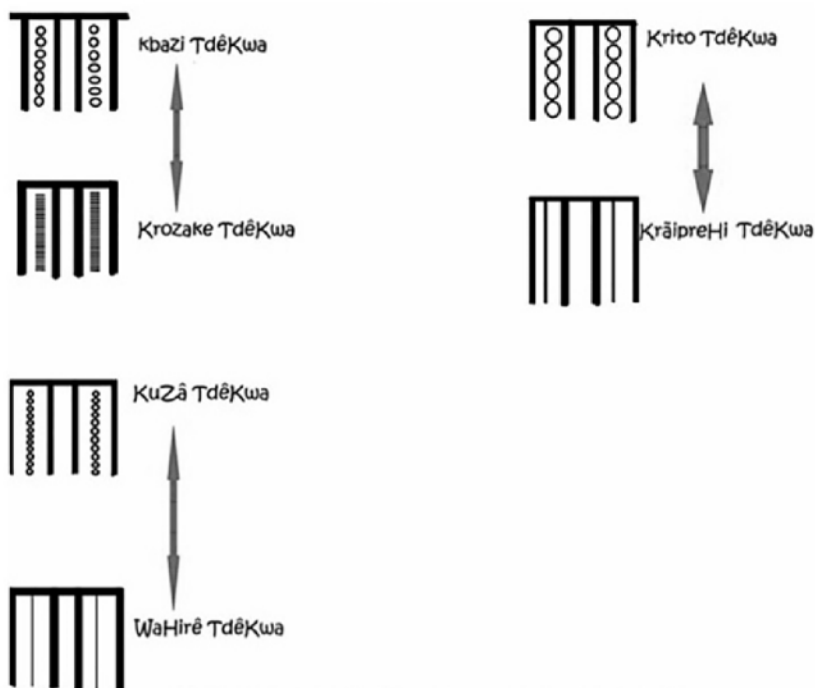
	Possuidor + possuído		parte do corpo/qualitativo/voz/sentimento
1.	sika-bdu	galinha pescoço	Pescoço da galinha.
2.	tpe-hi	peixe pele (couro)	Pele (couro) do peixe
3.	sika-kre-hi	galinha ovo pele/casca	Pele (casca) do ovo.
4.	arb-pahi	morcego asa	Asa do morcego.
5.	sire-pahi	passarinho asa	Asa do passarinho.
6.	wapsã-zdaku	cachorro baba	Baba do cachorro.
7.	sikakrerenõrĩ-siwazu (genérico; pois todos os galos cantam)	galos canto	Canto dos galos (têm voz própria, uma voz).
8.	sirenõri-siwazu	pássaros cantam (têm voz própria, uma voz)	Canto dos pássaros (todos os pássaros cantam)
9.	sire-zasi	passarinho casa/ninho	Ninho do passarinho.
10.	k̄ti-kmõ-di-s̄eki	cl boi barriga dor	Dor de barriga do boi.
11.	kr-hepku	macaco ferida	Ferida do macaco.
12.	wapsã-pahidi	cachorro medo	Medo do cachorro (do próprio cachorro).
13.	r̄m-nĩrnã-sdawahi	cl. flor lábio (pétala)	Lábio (pétala, a parte de cima) da flor.
14.	pizu-ni	buriti carne (polpa)	Carne (polpa) do buriti.
15.	kupa-hi	mandioca pele/casca	Pele (casca) da mandioca.
16.	wde-wanrõ (genérico, qualquer árvore)	árvore veio(a)	Veio(a) da árvore.
17.	wde-krã	árvore cabeça	Alto/ponta da árvore.
18.	wde-s̄eki	árvore dor	Dor da árvore (quando é cortada).
19.	n̄zi-zahi	milho cabelo	Cabelo do milho.
20.	wde-hepku (genérico)	árvore ferida	Ferida da árvore.

## V. Os Grafismos

Por estar em sociedades de tradição basicamente oral, a criança indígena tem muito menos interação com a língua na modalidade escrita alfabética. Um aspecto importante, mas geralmente ignorado no processo de aquisição, é a presença e uso de grafismos nas sociedades indígenas considerados como uma forma de escrita, já que têm significado relevante para seus usuários, distinguindo-os das diferentes etnias e dentro destas, como afirmamos neste artigo. Portanto, os grafismos, assim como os inalienáveis, compõem a identidade indígena e não devem ser desconsiderados no processo de aquisição da língua escrita da criança e, os grafismos, jamais serem utilizados como exercícios de coordenação motora.

Há em Xerente seis clãs patrilineares que são regidos por duas metades exogâmicas. Entre as duas metades, e seus respectivos clãs, existe um conjunto de deveres e direitos que vem sendo respeitado desde tempos imemoriais. As metades são denominadas de Wahirê e Doí e os clãs patrilineares distribuem-se da seguinte forma: Wahirê tdêkwa, Krozake tdêkwa e Kräiprehi tdêkwa vinculam-se à metade Wahirê. Vinculados à metade Doí estão os clãs Kuzâ tdêkwa, Kbazi tdêkwa e Krito tdêkwa. Esses clãs são identificados a partir da pintura corporal específica de cada um. Com isso, têm-se expressas nessa pintura as relações de parentesco e as relações políticas dos Xerente, entre outros significados. Adquirir esse conhecimento é essencial para a vida da criança indígena. O alto teor de comunicação das linguagens corporais exige de todos os akwén um grau de letramento elaborado e engajado.

Além de adquirir os sinais pictóricos, os traços de cada clã, a criança também tem que saber quais são as proximidades entre esses clãs e destes para com as metades exogâmicas. De acordo com Xerente (2016, p. 18), há uma parceria entre os clãs, como se vê na seguinte ilustração:



Representação dos seis clãs e suas parcerias, através do grafismo.  
Ilustração, Rivaldo Sräpte. Outubro de 2016

**Em algumas aldeias, a partir de uma idade determinada, as crianças sabem qual pintura terão (antigamente era aos 10 anos, atualmente, 05 anos). Enquanto esperam, as crianças até os 2 anos são pintadas com pinturas de huku (onça) e as crianças com idade de 2 a 4 anos com pintura de padi (tamanduá). De acordo com Nimuendaju (1942), a pintura também é usada para indicar as associações masculinas e femininas (em Xerente: dakrsu). Havia, durante o estudo de Nimuendaju, cinco associações identificadas por meio da linguagem corporal, são elas: i) akemhã – associação dos rapazes; ii) krara – dos homens adultos; iii) annorôwa – dos homens maduros; iv) krieriekmu - dos homens velhos; e v) ainôwapté ~ pikõ - de todas as mulheres. Essas associações, segundo Nimuendaju (1942), são relacionadas às classes de idade e essas duas “instituições” (associações**

e classes de idade) são responsáveis pelo ensino das variadas maneiras formais de ser/agir no mundo Akwén.

Além de identificar a que clã pertence o indivíduo e classificá-lo por idade e/ou gênero, a linguagem corporal serve como elemento identificador das metades exogâmicas, Wahirê e Dói, dos partidos da corrida de tora, Htamhã e Stêromkwa, e dos cargos cerimoniais, Danõhuĩkwa, Pêkwa, Dakmãhrãkwa. Assim, é através da junção da linguagem verbal (sobretudo no ato de nomeação da pessoa Xerente) e da linguagem corporal que o indivíduo Xerente é situado e, com isso, distinguido dos demais.

Cada clã é responsável pela educação de suas crianças. Assim, um adulto do clã Wahirê não pode interferir na educação de uma criança do clã Kuzã. Há segredos entre os clãs, inclusive quanto à forma de educar, uma vez que as ações de um clã não podem ser executadas por pessoas de outro clã. Cada clã desenvolve conhecimentos agrícolas, são detentores de áreas geográficas, uma vez que há os clãs que cuidam da água, os que cuidam da terra, etc.

## VI. Breves Considerações

Acreditamos que os inalienáveis e os grafismos Akwẽ Xerente constituem a identidade desse povo e pelo seu caráter de “resistência” devem fazer parte da educação escolar indígena, não só da fase inicial, como também dos demais graus de ensino. Os Xerente não apresentam, até o momento, o uso funcional de sua língua escrita, em toda a comunidade, a não ser a de cunho religioso não indígena (evangélicos). Portanto, restrito à essa função. O fato de seu mundo estar em comunhão com tudo que os envolve, e não fora dele, nos autoriza a fazer sugestões no âmbito escolar que os empodere e fortaleça cada vez mais, frente ao contato cada vez mais intenso com a sociedade envolvente. O caráter assimilador das políticas de língua e de povos indígenas nunca deixou de existir no Brasil. Infelizmente, a pressão exercida sobre os povos indígenas é cada vez mais forte,

visando principalmente as terras que habitam. Acreditamos, sim, que a educação é fator decisivo na continuidade de sua singularidade, logo o uso dos grafismos e dos inalienáveis no espaço escolar, obviamente com função diferenciada do seu uso no cotidiano. Fortalecer as escolas *nas aldeias* deve ser um dos objetivos a ser alcançado. A diversidade e a diferença devem ser vistas como riquezas de uma nação. A morte e extinção de línguas originárias no mundo todo é um fato. O nosso trabalho como linguistas é, no mínimo, trazer à luz o conhecimento que os povos indígenas brasileiros possuem e são invisíveis para os nossos governantes.

É na interação que a identidade se fortalece. Essa identidade, construída socio-historicamente, é visível (e marcada) na língua serente a partir dos inalienáveis, os quais movimentam o léxico e a gramática Xerente, como demonstramos a partir da semântica da gramática. Também a língua e a cultura Xerente são consideradas como inalienáveis e podem, com essa consideração, ser a língua da instrução e das práticas do cotidiano escolar dos Akwẽ.

Procuramos demonstrar que os grafismos, aliados às outras práticas de linguagem, fazem parte do modo de ser Xerente, dos saberes indígenas e da organização social dos Akwẽ. Essa organização, ao ser usada pela comunidade escolar, dependendo das variáveis desse uso, pode se tornar também uma prática de (re)vitalização da língua e da cultura Xerente. Sendo assim, consideramos que a escola pode ter um papel importante na (re)construção ou (re)elaboração da identidade Xerente, esta que se encontra num processo movente e complexo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

BOAS, F. Introduction to the Handbook of American Indian Languages. In: BLOUNT, B. G. (ed.). Language, Culture and Society. Cambridge: Whintrop, 1974 [1911].

BLOUNT, B. G. (ed.). Language, Culture and Society. Cambridge: Whinthrop, 1974.

BRAGGIO, S. L. B. Leitura e Alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolinguística. Artes Médicas. RS, 1992.

BRAGGIO, S. L. B. Os Xerente Akwén os animais e as plantas: revisitando os inalienáveis pela semântica da gramática. Signótica, v. 23, n. 2, p. 439-458, 2011.

BRAGGIO, S. L. B. Estudos de línguas e educação indígena. Campinas/SP: Pontes, 2018.

CHOMSKY, N. (1959). A review of B. F. Skinner's Verbal Behavior. Language, 35(1), 26-58. Disponível em: < [http://www.biolingagem.com/ling\\_cog\\_cult/chomsky\\_1958\\_skinners\\_verbalbehavior.pdf](http://www.biolingagem.com/ling_cog_cult/chomsky_1958_skinners_verbalbehavior.pdf)>. Acesso em: 2 maio 2019.

ENFIELD, N. J. (org.). Ethnosyntax . Oxford University Press, 2004.

GOMEZ-IMBERT, E. When animals become “rounded and” and “feminine”: conceptual and linguistic classification in a multilingual setting. In: GUMPERZ e LEVINSON. Rethinking Linguistic Relativity. Cambridge University Press, 1996, p. 438-469.

GUMPERZ, J. J. e HYMES, D. Directions in Sociolinguistics: the ethnography of communication. Basil Blackwell, 1986.

GUMPERZ, J. J. e LEVINSON, S. C. (org.). Rethinking Linguistic Relativity. Cambridge University Press, 1999.

KRIEGER, W. B. e KRIEGER, G. C. Dicionário escolar: Xerente-Português-Xerente. Rio de Janeiro: Junta das Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira, 1994.

HYMES, D. Foundations in Sociolinguistics: an ethnographic approach. University of Pennsylvania Press, 1974.

LAKOFF, G. Women, Fire, and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind. The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. e JONHSON, M. Metaphors we live by. Chicago University Press, 1980.

- NIMUENDAJÚ, C. (1942). The Šerente. Disponível em: [etnolinguistica.wdfiles.com/local-files/biblio%3Animuendaju-1942-serente/nimuendaju\\_1942\\_serente.pdf](http://etnolinguistica.wdfiles.com/local-files/biblio%3Animuendaju-1942-serente/nimuendaju_1942_serente.pdf). Acesso em: 2 maio 2019.
- SEKI, Lucy F. Jene ram jwena juru pytsaret / O que habitava a boca de nossos ancestrais. 1. ed. Rio de Janeiro: Museu do Índio / FUNAI, 2010. 494p .
- SAPIR, E. Language. A Harvest/ HBJ Book, 1949.
- SAPIR, E. The Unconscious Patterning of Behavior in Society. In: BLOUNT, B.G. (ed.). Language, Culture and Society. Cambridge: Whintrop, 1974 [1929].
- XERENTE, Ercivaldo Damsökêkwa Calixto. Processos de educação Akwẽ e os direitos indígenas a uma educação diferenciada: práticas educativas tradicionais e suas relações com a prática escolar. Dissertação. Ufg: Goiânia, 2016. Disponível em: [ppgidh.ndh.ufg.br/up/788/o/Dissertação\\_Ercivaldo\\_Damsokekwa\\_Calixto\\_Xerente.Pdf](http://ppgidh.ndh.ufg.br/up/788/o/Dissertação_Ercivaldo_Damsokekwa_Calixto_Xerente.Pdf). Acesso em: 2 Maio 2019.
- WHORF, B. L. The Relation of Habitual Thought and Behavior to Language. In: BLOUNT. B. G. (ed.). Language, Culture and Society. Cambridge: Whintrop, 1974 [1941].
- WIERZBICKA, A. Understanding Culture Through Their Key Words. Oxford University Press, 1997.
- WIERZBICKA, A. The Semantics of Grammar. Oxford University Press, 1988.

